

OS CABELOS CRESPOS COMO EXPRESSÃO DE ANCESTRALIDADE, RELIGIOSIDADE E PERTENCIMENTO RACIAL NA EJA

Flavia dos Santos Mattoso ¹
Renan Gomes de Moura ²

RESUMO

O cabelo crespo, por muito tempo marginalizado e associado a padrões de beleza eurocêntricos, tem se tornado um símbolo de identidade e resistência para muitas mulheres negras. No ambiente escolar, as experiências de estudantes negras com cabelo crespo natural vão além da aparência e tocam em aspectos profundos de autoestima, desempenho escolar e relações interpessoais. Imagine uma jovem que, desde cedo, aprende a lidar com olhares curiosos, comentários desnecessários e a falta de representatividade nos materiais didáticos. O objetivo deste estudo é analisar como os cabelos crespos, enquanto símbolo de ancestralidade e identidade racial, se relacionam com as vivências de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando o processo de construção do pertencimento racial no ambiente escolar. Para a execução dessa pesquisa optou-se por adotar uma abordagem de pesquisa qualitativa. O estudo qualitativo é caracterizado por sua natureza interpretativa, com foco na compreensão dos significados das relações humanas a partir de diferentes pontos de vista (Stake, 2011). Para a produção do corpus da pesquisa para o presente trabalho optou-se pelo método da entrevista. Para análise usou-se a interseccionalidade enquanto analítica, conforme proposta por Collins e Bilge (2021), é uma ferramenta analítica que examina como as relações de poder impactam as interações sociais em contextos diversos e como essas dinâmicas influenciam as experiências individuais no cotidiano. Diante do exposto, conclui-se que os cabelos crespos na EJA representam não apenas um símbolo de identidade racial, mas também um elo com a ancestralidade e a religiosidade afro-brasileira, reforçando a importância de uma educação antirracista e culturalmente sensível.

Palavras-chave: EJA, Cabelo Crespo, Raça, Educação.

INTRODUÇÃO

Nosso estudo busca entender, de forma geral, como a educação, que deveria ajudar na inclusão social e econômica, tem, na verdade, contribuído para excluir os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) no Brasil. Além disso, ele destaca a importância de ampliar as conversas públicas sobre a identidade e a representatividade das pessoas negras na sociedade de hoje. A sociedade brasileira, que tem raízes na escravidão,

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO) flaviamattoso@rioeduca.net

² Doutor em Administração (UNIGRANRIO). Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes e do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade do Grande, renangmoura@gmail.com



costuma atribuir às mulheres negras uma marca de inferioridade racial, o que reforça essas desigualdades.

O objetivo deste artigo é analisar como os cabelos crespos, enquanto símbolo de ancestralidade e identidade racial, se relacionam com as vivências de estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), considerando o processo de construção do pertencimento racial no ambiente escolar.

Diante da realidade racial do Brasil manifesta-se uma preocupação referente as relações étnico-raciais existentes no ambiente escolar. Ao pensar na escola como um lugar que ajuda a construir conhecimentos sociais e culturais, é fundamental refletir sobre como as instituições de ensino que oferecem a Educação de Jovens e Adultos (EJA) acolhem e lidam com o reconhecimento, afirmação ou negação da identidade negra nesse processo.

Segundo MEC (2006) o Brasil é um país multicultural e com vasta diversidade racial que suscita, na política de igualdade racial, teorias e discursos ideológicos complexos. Para o brasileiro, atualmente são recorrentes os debates em torno do seu reconhecimento étnico e das relações raciais.

Em Gomes (2008) a autora busca explicar o processo de construção da identidade dos indivíduos afirmando que “Nenhuma identidade é construída no isolamento. ” Segundo ela, a identidade negra é como “um movimento que não dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora”.

Gomes (2008) comenta ainda que o cabelo crespo ultrapassa a esfera estética e é um tema extremamente importante quando nos reportamos a identidade e autoestima da mulher negra. E, para além da beleza, esse cabelo também foi e continua sendo uma ferramenta política de luta. Durante muito tempo, uma infinidade de práticas favoreceu a desvalorização do negro e de suas características, principalmente seu cabelo, seus traços e sua cultura, enquanto havia uma hipervalorização da estética eurocêntrica.

De acordo com Gomes (2002), nos diversos espaços sociais (escola, trabalho, lazer) ocorrem situações preconceituosas e por isso há uma classificação das pessoas segundo o padrão estético, principalmente no que diz respeito a nomes pejorativos dirigidos ao cabelo da raça negra. Alguns se referem aos cabelos crespos/afros como “cabelo de bombril”, “fuá”, “pixaim”, “cabelo duro”, “cabelo de picumã”. Apelidos dados ao cabelo das/dos negras/os, visto como símbolo de inferioridade, sempre associado à



artificialidade (esponja de bombril) ou com elementos da natureza (ninho de passarinho, teia de aranha enegrecida pela fuligem), (Gomes, 2002, p. 45). Continuando sua linha de pensamento Gomes (2006, p.168) revela:

O processo identitário do negro tem como componente principal a violência racista, que vai da cor ao corpo negro. Há uma complexidade envolvendo o processo de “tornar-se negro” na sociedade brasileira. A violência é a pedra de toque, o núcleo central do processo identificatório dos negros. Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de ego do sujeito branco e de recusar, negar, anular a presença do corpo negro.

Lembremos, também, a forma violenta e cruel imposta aos escravos através da raspagem dos cabelos, ato que os definia como inferiores perante à classe branca, deixando-os com o sentimento de mutilação, pois para estes, o cabelo era associado à sua identidade e dignidade. A respeito disso Gomes (2002) nos diz:

O cabelo tem sido um dos principais símbolos utilizados nesse processo, pois desde a escravidão tem sido usado como um dos elementos definidores do lugar do sujeito dentro do sistema de classificação racial brasileiro.

Dessa forma, entende-se que os estigmas negativos recaídos sobre o cabelo crespo são frutos do processo de europeização no período colonial brasileiro, que legitimava o modelo ideal de beleza como sendo o da mulher/homem branca/o, colocando negras/os e indígenas, e seus corpos, em um sistema de dominação que oprimia sua estética, tida como feia, fora dos padrões.

Diante ao exposto pela autora, percebe-se que essa padronização ideal do branco promove uma hierarquia racial imposta por estética e ética e que desenvolve no próprio negro um conflito denominado por Gomes como: “*rejeição/aceitação*”. O cabelo crespo, considerado como um ícone identitário, é um exemplo a ser analisado, já que este enquanto elemento identitário é visto em nosso meio como “ruim/feio”. Nós, brasileiros, alimentamos um imaginário social com ideologias reprodutoras de representações negativas sobre o ser negro. Nossa sociedade mascara a história, estigmatiza e discrimina sujeitos.



Sendo assim, Gomes (2002) amplia suas considerações e reitera que esse conflito “*rejeição/aceitação*” do cabelo crespo nos traz a complexidade vivida por estes sujeitos, pois em algumas situações esse processo conflituoso pode representar uma forma de negação desenvolvida pelo negro em relação a sua identidade. Um ponto importante nas questões que envolvem o cabelo crespo e a identidade negra é entendermos esse conflito rejeição/aceitação, percebendo a identidade como ‘um processo de construção dialético e social’ e o cabelo crespo como “um elemento identitário definidor do pertencimento étnico-racial dos sujeitos negros”.

(...)No Brasil, a construção da (s) identidade (s) negra (s) passa por processos complexos e tensos. Essas identidades foram (e têm sido) ressignificadas, historicamente, desde o processo da escravidão até as formas mais sutis e explícitas de racismo, à construção da miscigenação racial e cultural e às muitas formas de resistência num processo – não menos tenso – de continuidade e recriação de referências identitárias africanas. É nesse processo que o corpo se destaca como veículo de expressão e de resistência sociocultural, mas também de opressão e negação. O cabelo como ícone identitário se destaca nesse processo de tensão, desde a recriação de penteados africanos, passando por uma estilização própria do negro do Novo Mundo, até os impactos do branqueamento. (Gomes, 2001).

A autora considera o cabelo crespo como forma de expressão e suporte simbólico da identidade negra e ainda como um “ícone identitário”, tomando por base essa visão poderemos então, compreender o processo identitário conflituoso que se desvela outrossim no universo escolar. Elucidando Gomes (2000), podemos indagar: Será que docentes e discentes são conhecedores do significado social do cabelo crespo e dos sentidos conferidos a ele dentro do ambiente escolar? Essa discussão é de extrema necessidade e merece destaque haja vista que a maioria dos indivíduos amplia na escola suas interações sociais.

Infelizmente, apesar dos avanços, notamos que a escola ainda é um local de perpetuação de práticas racistas e reproduzidor de comportamentos eurocêntricos.

Essa prática no ambiente escolar pode causar sérios impactos na autoestima e no desenvolvimento dos (as) alunos (as) da EJA. Segundo Gomes (2002), a escola não é apenas um lugar onde aprendemos conteúdos e conhecimentos, ela também transmite valores, crenças, hábitos e preconceitos raciais.



Portanto, apesar de ainda ser um local de reprodução de práticas preconceituosas, entendemos que é a própria escola o lugar ideal para discutir e mudar tal realidade e, também, assegurar que todos sejam aceitos independentemente de suas características físicas e de sua cor.

1. CABELO COMO SÍMBOLO DE BELEZA

O cabelo crespo, que nas culturas africanas era visto como um símbolo de status, ancestralidade e espiritualidade, foi rebaixado a uma característica considerada "inadequada" ou "inferior" dentro da estética colonial. Como explica Silva (2015), o cabelo crespo foi estigmatizado como algo que precisava ser "domado" ou transformado para se adequar aos padrões europeus, que ditavam o cabelo liso como o ideal de beleza. Essa pressão pela assimilação se manifestou em várias práticas, como o alisamento do cabelo, que passou a ser visto como uma necessidade para que as pessoas negras fossem socialmente aceitas.

A resignificação do cabelo crespo não é apenas um fenômeno estético, mas uma declaração política. Ao deixar de lado as imposições coloniais e racistas que forçavam o alisamento, as mulheres e os homens negros que assumem seus cabelos naturais estão reivindicando seu lugar na sociedade como sujeitos plenos, que não precisam se adaptar a normas impostas para serem aceitos ou valorizados. Como bem coloca Aguiar (2019), "o uso do cabelo crespo ou cacheado pode ser um meio de afirmação identitária em oposição às diversas formas de manipulação da identidade negra".

O referido autor (2019) comenta, também que o cabelo afro é um símbolo de conexão com a ancestralidade. Muitos penteados tradicionais, como as tranças, os *dreads* e o *black power*, remetem as práticas culturais que sobreviveram à diáspora africana. Esses estilos são mais do que uma moda passageira; são uma forma de honrar a história dos povos africanos e de reafirmar a ligação com suas origens. O uso desses penteados no dia-a-dia, nas escolas e no trabalho é uma forma de combater o racismo estrutural que ainda busca marginalizar as expressões culturais negras.

Para Anita Pequeno (2019) o cabelo afro, que historicamente foi marginalizado e estigmatizado, tornou-se um poderoso símbolo de beleza, resistência e autoafirmação. A estética do cabelo crespo não apenas desafiou os padrões de beleza eurocêntricos, mas



também abriu espaço para que a diversidade fosse celebrada e reconhecida. Ao assumir seus cabelos naturais, homens e mulheres negras no Brasil e em todo o mundo estão resgatando sua história e reafirmando sua dignidade. Esse processo de valorização estética e política é um testemunho da força e resiliência das comunidades negras, que, apesar de séculos de opressão, continuam a reexistir e a se afirmar através de seus cabelos.

2. IDENTIDADE AFRO-BRASILEIRA: OS CABELOS SÃO CRESPOS SIM!

A identidade afro-brasileira tem como uma de suas expressões mais marcantes o cabelo crespo, que, ao longo da história, tornou-se um símbolo de resistência e afirmação racial. A trajetória dos cabelos crespos no Brasil reflete a complexa relação entre a imposição de padrões estéticos eurocêntricos, promovidos desde o período colonial, e a luta contínua das populações negras para resgatar e valorizar suas raízes culturais. Essa trajetória envolve não apenas a estética, mas também questões profundas de identidade, pertencimento e poder.

Durante o processo de colonização, os padrões de beleza impostos pelas elites europeias colocaram o cabelo liso como ideal estético. Esse padrão, alicerçado em uma visão racista e hierárquica, relegava as características afrodescendentes, incluindo o cabelo crespo, a uma posição de inferioridade. Como observa Silva (2015), a estética eurocêntrica, que exaltava o cabelo liso, "negou a possibilidade de reconhecimento da beleza afro-brasileira, promovendo um ideal que apagava as marcas identitárias dos corpos negros". Com isso, várias gerações de pessoas negras no Brasil buscaram adaptar-se a esses padrões, recorrendo ao alisamento dos cabelos como uma tentativa de aceitação social.

No contexto brasileiro, o processo de ressignificação do cabelo crespo foi profundamente marcado pela luta contra o racismo e o preconceito. Como aponta Aguiar (2019), "a estética do cabelo crespo tornou-se um meio de resistência contra o discurso de inferioridade racial, desafiando diretamente os padrões eurocêntricos de beleza". Assumir o cabelo crespo, especialmente em um país marcado pelo racismo estrutural como o Brasil, passou a ser uma ação política que resiste à invisibilidade e à negação da diversidade estética.



Ao assumir o cabelo crespo, as pessoas negras afirmam sua identidade afro-brasileira de maneira explícita, recusando a imposição de um modelo único de beleza. Essa escolha, além de ser uma afirmação estética, é também um posicionamento político que desafia as estruturas de poder que tentam silenciar e apagar a diversidade racial. Como analisa Aguiar (2019), o cabelo crespo "não é apenas um traço físico, mas um símbolo de luta contra o racismo e a discriminação". Dessa forma, o cabelo crespo torna-se um importante marcador de pertencimento e resistência na construção da identidade afro-brasileira.

O cabelo crespo, portanto, ultrapassa as fronteiras do estético para se tornar um elemento central na construção da identidade afro-brasileira. O ato de deixar os cabelos crespos livres e naturais é, na verdade, um resgate da dignidade e da ancestralidade, uma forma de manter viva a memória e as tradições dos povos africanos que, durante séculos, foram sistematicamente marginalizados. Como ressalta Gomes (2017), "o cabelo crespo se tornou um ícone de resistência e orgulho, conectando o presente com as lutas do passado".

3. O CABELO COMO MARCADOR DA ANCESTRALIDADE

O cabelo é considerado um dos elementos centrais das identidades de mulheres negras desde as antigas civilizações, possuindo significado espiritual, social, cultural e estético (Byrd & Tharps, 2001). Ani (1997) argumenta que a espiritualidade representou e continua representando um papel primordial na cultura negra.

Tal qual afirmam os autores, entende-se que tanto para homens e mulheres africanos quanto para seus descendentes da diáspora africana, o cabelo está intrinsecamente ligado à identidade cultural, à espiritualidade, à ancestralidade e às noções de beleza.

Gomes (2003) ressalta que “a força simbólica dos cabelos para os africanos continua de maneira recriada e ressignificada entre nós, seus descendentes.”, destacando que essas técnicas de manipulação do cabelo se manifestam no nosso dia a dia e nos mais variados espaços: “A descendência africana nos deixa de herança muitas



formas de manipulação do cabelo que podem ser observados das tranças aos *dreads*³.” Percebendo a existência de salões étnicos no Brasil em que a prática cultural de celebração do cabelo é possível, a antropóloga nos faz um questionamento importante: “Será que ela também é possível na escola?”. A autora, respondendo ao seu questionamento, considera que além de as práticas culturais ligadas aos penteados serem uma instigante tarefa para os adolescentes e jovens negros e brancos das nossas escolas, o estudo dos penteados e do simbolismo do cabelo torna-se uma necessidade e uma condição. Uma necessidade que nos predispõe a percepções subjetivas construtivistas, permitindo-nos observar que a manipulação do cabelo do negro não nos fala apenas da modernidade, das técnicas modernas de alisamento e relaxamento, da estilização de penteados, da reprodução da ideologia do branqueamento e do mito da democracia racial, mas também de processos de resistência. Uma condição pelo fato de possibilitar-nos formas de recriação cultural e identitária.

Segundo Plurais (2024), no compreender africano, a ancestralidade atua como um legado moral ou espiritual onde o antepassado transmite sabedoria aos seus descendentes em diáspora. Mas não só; a ancestralidade se revela como fonte de vida, criatividade e pertencimento, evidenciando a importância da memória para se pensar o futuro.

Compreende-se que a ancestralidade é a ligação que se tem com as pessoas que vieram antes, como os avós, bisavós e assim por diante. Podemos pensar na ancestralidade como uma ponte que nos conecta ao passado, revelando de onde viemos e o que formou a nossa cultura, gostos e tradições.

Para Oliveira (2022), pensar a ancestralidade na contemporaneidade significa traçar a linha temporal dos valores que ao longo dos séculos nos alimentam. Nos interstícios do poder as práticas culturais negras resistem apesar da sua invisibilidade no discurso oficial. Entender a força ancestral e reconhecê-la na vida comunitária significa resistir. Historicamente, o primeiro índice de concretude desse conhecimento se deu via religiosidade. De acordo com Oliveira (2007, p. 23):

A ancestralidade assume hoje em dia o status de princípio fundamental diante do qual se organizam tanto os rituais do candomblé, como as relações sociais de seus membros – ao menos nas obras de importantes intelectuais ligados organicamente às comunidades de terreiro. Supostamente fincada na tradição da África tradicional, a ancestralidade espalha-se, como categoria analítica, para interpretar as

³ *Dread* é uma palavra em inglês que em muitos casos é usada como abreviatura de *dreadlocks*, que descreve um estilo de cabelo caracterizado pela apresentação de tranças longas e finas.



várias esferas da vida do negro brasileiro – mormente na religião. Legitimada pela “força” da tradição, a ancestralidade é um signo que perpassa as manifestações culturais dos negros no Brasil, esparramando sua “dinâmica” para qualquer grupo racial que queira assumir a identidade de “africano”.

Mediante exposto pelo autor, entendemos que a ancestralidade perpassa a religiosidade e adquire força à medida que ocupa o espaço social e de resistência negra.

METODOLOGIA

Para execução dessa pesquisa optou-se por adotar uma abordagem de pesquisa qualitativa. O estudo qualitativo é caracterizado por sua natureza interpretativa, com foco na compreensão dos significados das relações humanas a partir de diferentes pontos de vista (Stake, 2011).

A decisão em se realizar uma pesquisa qualitativa deve-se ao fato dela fazer parte a obtenção de dados descritivos mediante contato direto e interativo da pesquisadora com os sujeitos da pesquisa.

O trabalho realizado através das observações em campo e dos registros da pesquisadora, nos permitirá analisar as percepções de profissionais da educação sobre as relações estabelecidas entre o racismo e o cabelo crespo no ambiente escolar estão sendo desenvolvidas, a partir das narrativas das alunas matriculadas na EJA. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas, de maneira a permitir que, apesar da existência de um roteiro norteador, as/os entrevistadas/os possam se expressar livremente sobre o tema.

Nesse sentido, as narrativas reconstroem ações, colocando a experiência lembrada numa sequência, buscando possíveis explicações para isso, pois não narramos apenas com palavras, mas com gestos também. Um outro aspecto, é que não se trata de um interrogatório, mas um processo de interação que vai além do estímulo/resposta.

Após a coleta de dados, os mesmos serão classificados de forma sistemática através de seleção (exame minucioso dos dados), codificação (técnica operacional de categorização) e tabulação (disposição dos dados de forma a verificar inter-relações).

Ressalta-se que essa pesquisa não é institucionalizada, ou seja, não está vinculada a uma instituição formal de ensino, pesquisa ou organização governamental. Seu objetivo é compreender as experiências vividas pelas alunas da Educação de Jovens e Adultos



(EJA) de maneira autônoma e independente, priorizando narrativas pessoais e subjetivas. Apesar de não seguir um protocolo institucional, a pesquisa adota uma abordagem ética e respeitosa, comprometida em dar voz às participantes e contribuir para a valorização de suas vivências e identidades no ambiente escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O corpo negro sempre enfrentou o racismo, que se manifesta através da rejeição e do controle social na nossa sociedade. Entendemos que, por muito tempo, o padrão europeu foi imposto como o ideal a ser seguido, valorizando traços eurocêntricos e excluindo características negras, especialmente o cabelo crespo. Historicamente, ele sempre foi ligado a traços desfavoráveis, sendo menosprezado socialmente.

No entanto, o cabelo crespo carrega valores e tradições que vão além da estética, quando mantido de forma natural e não moldado pelos padrões impostos pela sociedade. Ele se torna um símbolo de resistência cultural. Ao aceitarem seus cabelos naturais, mulheres negras desafiam os padrões que tentam marginalizá-las, reivindicando o direito de existir plenamente, valorizando suas raízes e seu corpo como um todo.

As entrevistadas reconheceram o cabelo crespo não apenas como estética, mas como símbolo afetivo, político e cultural. Para elas, assumir o cabelo natural foi um marco de transformação interna, expressão de autenticidade e conexão com suas origens. Esse reconhecimento também motivou autoestima, orgulho e desejo de transmitir essa valorização às futuras gerações.

As mulheres entrevistadas relataram experiências distintas no ambiente escolar. Algumas percebem acolhimento, enquanto outras mencionam situações de exclusão, preconceito ou julgamento, especialmente na infância. O cabelo crespo foi, em muitos casos, um marcador de diferenciação e discriminação. Há também reconhecimento de avanços pontuais em escolas que promovem a diversidade.

Nilma Lino Gomes (2008) afirma que o cabelo crespo é símbolo de resistência histórica e política. Em *Sem perder a raiz*, destaca que assumir o cabelo natural significa romper com os padrões coloniais de beleza e afirmar a identidade negra com orgulho.

Ao aderir com as considerações feitas por Gomes (2008), King (2015) escreve que o cabelo é “fruto do que brota de nossas cabeças” — uma metáfora para a fertilidade intelectual, ancestral e estética das mulheres negras. Defende que os fios crespos carregam memórias, saberes e espiritualidade.



A realização de estudos que abordem o racismo e as relações raciais nas escolas é fundamental para promover uma educação verdadeiramente de qualidade, antirracista e inclusiva. Somente ao confrontar as estruturas e práticas discriminatórias existentes podemos trabalhar para criar instituições escolares que sejam verdadeiramente justas, igualitárias e democráticas para todas as jovens e mulheres negras.

As práticas discriminatórias no contexto escolar têm efeitos contrários na autoimagem de jovens e mulheres negras com o cabelo crespo, elas muitas vezes são submetidas a piadas e comentários ofensivos e que podem afetar sua autoconfiança e sua autoimagem. Essas práticas discriminatórias podem levar à exclusão social e a marginalização das jovens e das mulheres negras, afetando seu desempenho escolar e o bem-estar emocional.

Para algumas entrevistadas, o processo de aceitação do cabelo crespo influenciou diretamente sua autoestima e, conseqüentemente, sua permanência na escola. A superação da vergonha e do preconceito estético permitiu que essas mulheres passassem a ocupar os espaços escolares com mais segurança e orgulho.

Nilma Lino Gomes (2002), analisa como o corpo negro, incluindo o cabelo crespo, é frequentemente alvo de controle simbólico nas escolas. Ela argumenta que a valorização da estética negra pode contribuir para a ressignificação cultural e o fortalecimento da identidade estudantil.

Natalino Silva (2020) enfatiza que a EJA deve ser compreendida como “uma modalidade de ensino negra”, pois atende majoritariamente mulheres negras que carregam consigo marcas de exclusão histórica. A valorização da estética negra é, portanto, uma dimensão pedagógica fundamental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Corpo e cabelo são formas de expressar quem somos e refletem nossa identidade, especialmente no que diz respeito à origem étnico-racial de mulheres negras. O cabelo crespo, que é o foco desta pesquisa, foi por muito tempo negado e só ganhou reconhecimento após muitas lutas dos movimentos sociais. A maneira como nos vemos como pessoas negras está muito ligada aos padrões de beleza que são impostos. Esses padrões não apenas definem o que é considerado bonito, mas também acabam com a diversidade que existe na nossa população. As mulheres são as que mais sentem esses efeitos, e para as mulheres negras, essa opressão é ainda maior, por causa da combinação de classe, raça e gênero. Os padrões de beleza determinam a cor, a textura, o comprimento



e o formato do corpo e do cabelo, muitas vezes subjugando e apagando toda a riqueza da diversidade que temos.

Nas conversas com as entrevistadas, embora o assunto tenha sido a relação delas com o cabelo e os desdobramentos que advém dessa relação, as discussões trazidas foram muito além. Os significados do cabelo, então, perpassam a negociação de identidades políticas complexas marcadas pela interseccionalidade entre classe, raça e gênero. Como já afirmado, a negação da beleza negra remete ao período escravocrata e o cabelo foi e continua sendo, junto com a cor da pele, um dos principais sinais diacríticos da negritude. A maneira como a sociedade naturalizou um discurso que taxa o cabelo crespo de “cabelo ruim” mostra a arbitrariedade de uma faceta do racismo cujas marcas são profundas na vida das pessoas negras. Acredita-se que esse seja um dos discursos racistas mais abertamente postulados. Não por acaso, o cabelo surge como uma questão, na vida das mulheres negras de cabelo crespo, desde muito cedo e o destino para esse cabelo é, via de regra, o alisamento.

Foi possível observar também que existe uma deficiência nas estruturas que compõem as instituições educacionais, e isso se deve ao racismo institucional que invisibiliza as ações que oprimem, segrega e não se valoriza as contribuições da população negra.

O racismo está presente em toda sociedade e dentro do ambiente escolar não é diferente, ele se reproduz por meio do preconceito e dos estereótipos acerca da população negra. Não está ligado ao indivíduo e sim à concepção social de raça.

Portanto, o combate ao racismo, vai para além de uma dança cultural, uma caricatura de pessoas negras pintada na sala de aula pelas alunas em épocas específicas. O combate ao racismo, requer uma reconstrução dos pensamentos, atitudes cotidianas, a história recontada da população negra, para que as jovens e mulheres se reconheçam e tenham orgulho dos seus antepassados, das suas características. Optar por jovens e mulheres negras, estudantes da EJA para se discutir racismo e cabelo crespo é uma das tentativas que podem mudar o olhar de sujeitos negros ou não para a luta antirracista.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Josimeire Ferreira de. **O cabelo crespo na construção da identidade racial afro-brasileira**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.



BATISTA, Ilanna Brenda Mendes, NERES, Efigênia Alves. **Gênero, raça e classe na EJA: trajetória de vida de mulheres afrodescendentes de sucesso educacional.** Congresso Brasileiro de corpo, raça, sexualidade e gênero, nº01, dezembro/2019.

CRENSHAW, Kimberlé. **Interseccionalidade: o que é qual a importância desse conceito.** Disponível em: <https://www.blend-edu.com/> Acesso em: 02 de dez de 2024.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** São Paulo: Boitempo, 2021.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte.** Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2002.

_____. **Trajetórias escolares, corpo negro: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural?** Revista Brasileira de Educação, nº 21, set-dez, 2002, p. 40-51, 2002. Disponível em: <http://www.redalyc.org/> Acessado em 08 de junho de 2024.

_____. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra** - Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MEC. Ministério da Educação / Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para Educação das Relações Étnico-Raciais.** Brasília: SECAD, 2006.

PEQUENO, Anita. **História Sociopolítica do cabelo crespo.** Revista Z Cultural. Ano XIV – nº 01, 1º semestre de 2019. Disponível em: <https://revistazcultural.pacc.ufrj.br/> Acessado em: 08 de junho de 2024.

PLURAIS, Feminismos. **Ancestralidade - Um direito de todos: o de saber sua história.** Disponível em: <https://espacofeminismosplurais.org.br/> acesso em: 02 de dez de 2024.

Resolução nº 1, de 17 de junho de 2004. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.** P.17. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/res012004.pdf> Acessado em: 30 de novembro de 2024.



VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto**. Temáticas, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.

